

ATUAÇÃO DE MANSUETO BERNARDI *

Itálico Marcon

1 – DADOS BIOGRÁFICOS

Mansueto Bernardi nasceu em Ásolo, província de Treviso, Itália, no dia 20 de março de 1888, e faleceu, em Veranópolis, em 9 de setembro de 1966.

Veio para o Brasil com a idade de 3 meses.

Foi alfabetizado pelo professor Eduardo Duarte.

De início, foi professor. A seguir, fez concurso para oficial do Tesouro do Estado, logrando o 1º lugar.

Em 1917 foi nomeado Oficial de Gabinete do Presidente (Governador) Antônio Augusto Borges de Medeiros e, em 1919, foi guindado a Secretário da Presidência do Estado.

Em 1920, mediante sufrágio popular, foi eleito Intendente Municipal (Prefeito) de São Leopoldo.

A partir de 1924, assumiu a direção da Livraria do Globo.

Em 1925, em sua residência do Menino Deus, apresentou o poeta Guilherme de Almeida aos "modernistas" sul-rio-grandenses.

Em 11 de outubro de 1930, por designação de Oswaldo Aranha, Governador interino do Estado, exerceu as funções de diretor do Serviço Oficial de Informações e Controle de Notícias da Revolução de 1930.

Em 25 de março de 1931, foi nomeado, pelo então Chefe do Governo Provisório da República, Getúlio Vargas, Diretor da Casa da Moeda do Brasil, que reformou por completo, cabendo-lhe organizar o novo Sistema Monetário Brasileiro, que tem por base o cruzeiro. Nesse cargo, permaneceu até maio de 1938.

Participou dos primeiros passos do Correio do Povo, ao lado de Caldas Júnior; foi redator da Kodak, revista lítero-social, fundada, em Porto Alegre, em 1912; e, a partir de 1927, integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

* Resumo da conferência.

2 – DELIMITAÇÃO

O período marcante da atuação de Mansueto Bernardi, como ensaísta, crítico, editor e diretor de revistas e almanaques literários, abrange o arco de tempo que vai de 1917 a 1955.

Para fins didáticos, seguiremos a ordem cronológica.

2.1 – Ano de 1917

Saiu o primeiro número do “Almanaque do Globo”, editado anualmente pela Livraria do Globo de Porto Alegre. Mansueto Bernardi, juntamente com João Pinto da Silva, foi o seu diretor. Acolheu, em suas páginas, além dos clássicos universais, os novos valores, especificando: do Rio Grande do Sul, do Brasil, de Portugal, da Argentina e do Uruguai. Destaque merece o nome do ficcionista Javier de Viana, uruguaio, que influenciou na contística de Darcy Azambuja.

O “Almanaque do Globo” circulou até 1931, perfazendo 15 números.

2.2 – Ano de 1924

Mansueto Bernardi enfeixa em livreto *A vida e os versos de Alceu Wamosy*, conferência pronunciada no Clube Caixeiral, de Porto Alegre, na noite de 9 de outubro de 1924, inaugurando as “Horas de Arte” do Clube Jocotó.

Em 1925, serviu de prefácio às edições de *Poesias completas* e de *Poesias* de Alceu Wamosy, publicadas pela Livraria do Globo.

Foi o início da glória e da valorização do comovido poeta de *Coroa de sonho*.

Na esteira de Mansueto Bernardi, prosseguiram De Souza Júnior, Waldemar de Vasconcellos, Manoelito de Ornellas, Antônio Carlos Machado, Rúbio Brasileiro, Hugo Ramírez e E. Rodrigues Till, este último o biógrafo maior de Alceu Wamosy.

2.3 – Ano de 1925

Além de editar as *Poesias completas* e as *Poesias* de Alceu Wamosy, já referidas, Mansueto Bernardi, na condição de di-

retor cultural da Livraria do Globo, imprime *No galpão*, contos regionais de Darcy Azambuja, e *Tropilha crioula*, poemas regionais, de Vargas Neto, dois livros paradigmáticos da literatura gaúcha.

Depõe Érico Veríssimo: “Mansueto Bernardi, poeta e prosador, lá estava no primeiro andar, sentado à sua escrivaninha, selecionando livros para pedir a editoras da Itália, da França e da Espanha – ou então lendo originais que autores conhecidos lhe mandavam, na esperança de que o mentor literário da Globo os fizesse editar” (*Um certo Henrique Bertaso*, 1972, p. 6).

Ainda em 1925, Mansueto Bernardi apresenta Guilherme de Almeida, o “emissário da Poesia Moderna”, em visita “oficial” a Porto Alegre, aos “modernistas” sul-rio-grandenses.

Reuniu na sua residência do Menino Deus, em torno de Guilherme de Almeida, Pedro Vergara, Vargas Neto, Ernani Fornari, Athos Damasceno Ferreira, Ruy Cirne Lima, Darcy Azambuja, Moysés Vellinho, Augusto Meyer e Teodemiro Tostes.

Ademais, muitos desses “modernistas” foram editados, divulgados (em revista e almanaque) e estimulados por Mansueto Bernardi.

2.4 – Ano de 1926

Reúne, pela primeira vez, *Contos gauchescos e Lendas do sul*, do hoje clássico Simões Lopes Neto.

Isoladamente, os *Contos gauchescos* e as *Lendas do sul* saíram, em Pelotas, pela Livraria Universal, respectivamente em 1912 e 1913, passando quase despercebidos.

Só a partir da edição conjunta de 1926, pela Livraria do Globo, mercê do empenho de Mansueto Bernardi, é que Simões Lopes Neto passou a ser efetivamente reconhecido.

Ressaltando essa realidade, o mestre Augusto Meyer publicou, em 1926, no *Correio do Povo*, elucidativo artigo.

2.5 – Ano de 1927

Escolhe e lança, pela Livraria do Globo, *As melhores poesias de Lobo da Costa*, retiradas dos livros *Auras do sul*, *Flores do campo* e *Dispersas*, datados, pela ordem, de 1888, 1904 e 1895.

Tornou acessível o malgrado romântico, uma das vozes mais puras, dolorosas e populares da poesia rio-grandense, que mereceu, em 1953, por parte do irmão e ensaísta Elvo Clemente, um estudo exemplar: *Aspestos da vida e obra de Francisco Lobo da Costa*.

2.6 – Ano de 1929

Funda e torna-se o primeiro Diretor da *Revista do Globo*. Ne-la difunde, mais uma vez, os novos valores da literatura do Rio Grande do Sul, além de acolher os trabalhos dos nossos melhores ilustradores, gráficos, pintores e caricaturistas.

Emprega Érico Veríssimo, até então residente em Cruz Alta, e divulga seus contos e ilustrações.

O nosso romancista maior sempre proclamou o quanto devia a Mansueto Bernardi: "Aproximava-se o fim do ano, o dinheiro que eu trouxera comigo minguava e eu continuava desempregado. Uma tarde, porém, à porta da Livraria do Globo, encontrei Mansueto Bernardi, então diretor da *Revista do Globo* e que, como os jornais já haviam noticiado, preparava-se para ir dirigir a Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, a convite de seu amigo Getúlio Vargas, chefe supremo do governo provisório instituído pela Revolução de Outubro. Bernardi me reconheceu.

— Vamos publicar no próximo número da Revista o seu conto *Chico*, com a sua ilustração — disse ele. Olhou-me com seus olhos venezianos e, depois de algum tempo, murmurou: — Você escreve, traduz, desenha... Seria o homem ideal para tomar conta da *Revista do Globo* no futuro.

— Por que no futuro — repliquei — se estou precisando dum emprego agora?

Meus olhos estavam fitos no pomo-de-adão de Mansueto, muito saliente no longo pescoço descarnado. O autor de *Terra convaléscente* coçou pensativamente o queixo, depois baixou o olhar para mim:

— Que ordenado espera?

Pensando no meu casamento, ousei:

— Um conto de réis.

Por um instante o poeta quedou-se imóvel e silencioso. Depois disse por entre dentes:

— É... O cargo justifica esses honorários, porém infelizmente não temos verba para tanto. Mas... qual seria o ordenado mínimo que você aceitaria para começar?

— Seiscentos — respondi sem pestanejar.

— Pois então está contratado. Pode começar no dia primeiro de janeiro. Entende de "cozinha" de revista?

— Claro — menti. Na realidade, nunca havia entrado numa tipografia. Não conhecia nem de vista uma linotipo. Não tinha idéia de como se fazia um clichê ou se armava uma página. Mas o importante mesmo é que tinha conseguido um emprego!

Foi assim que entrei para a "Família Globo" (Um certo Henrique Bertaso, 1972, p. 20-21).

Da mesma forma, Mansueto Bernardi, quando diretor cultural da Livraria do Globo, admitiu, como "caixeiro", o nosso poeta maior Mario Quintana.

Érico Veríssimo, por derradeiro, seria o sucessor de Mansueto Bernardi, em 1931, na direção da *Revista do Globo* e no departamento editorial da Livraria e posteriormente Editora Globo.

2.7 – Ano de 1944

Organizou, neste ano, para a Livraria do Globo, a edição definitiva de *A divina quimera*, de Eduardo Guimaraens, que compreende seis livros: *A divina quimera*, propriamente dita, cuja 1ª ed. saiu com o título de *Divina quimera*, em 1916, no Rio de Janeiro; *Poemas à bem-amada*; *La gerbe sans fleurs* (todo ele em francês); *Cantos da terra natal*; *Estâncias de um peregrino* e *Rimas do reino dos céus*, os últimos cinco nunca até então publicados.

Para essa edição, verdadeiramente monumental, Mansueto Bernardi escreveu um alentado e minucioso prefácio (*Vida e poesia de Eduardo Guimaraens*), de 127 páginas, de que existe separata, considerado por Otto Maria Carpeaux uma "monografia completa" e por Roger Bastide uma "grande monografia".

O imenso Mário de Andrade, por sua vez, assim se pronunciou: "Meu caro Mansueto Bernardi. Chegando de Minas, encontrei aqui em casa o seu forte estudo sobre a poesia de Eduardo Guimaraens. Aliás, já em Belo Horizonte, eu encontrei o eco insistente do seu livro, na voz de Henriqueta Lisboa e Alphonsus de Guimaraens Filho, que estavam ambos muito impressionados com o poeta que Você nos desvendava. Na verdade, desvendava. O seu estudo é pra

muitos de nós uma prática de humilhação... O turbilhão modernista provocou mesmo ingratidões e deslumbramentos, digo esquecimentos. Me enganei de palavra aqui, porque já estava pensando em 'deslumbramentos'. Como este que Você nos deu, desvendando a poesia de Eduardo Guimaraens".

Sem dúvida alguma, esse prefácio, crítico-biográfico, profundo e exato, colocou, para sempre, Eduardo Guimaraens ao lado de Cruz e Souza e de Alphonsus de Guimaraens, completando a trindade do Simbolismo brasileiro.

2.8 – Ano de 1955

Colige, seleciona e prefacia, com Moysés Vellinho, para a Editora Globo, os **Estudos rio-grandenses** de Rubens de Barcellos (1896-1951), um dos mais agudos e percucientes ensaístas do nosso Estado, e seu grande amigo, cujo "radiante espírito", a partir de 1926, "de súbito se apagou, como o de Frederico Nietzsche, talvez por excesso de tensão".

3 – CONCLUSÃO

Mansueto Bernardi foi sobremodo um espírito receptivo e aberto. Jamais foi sectário ou intransigente em matéria de Literatura. Valorizou, de modo especial, o nosso Simbolismo, o nosso Regionalismo e o nosso Modernismo.

Sempre ajudou, estimulou, divulgou e editou os novos de então, hoje os nossos clássicos.

Foi um crítico/ensaísta compreensivo, um humanista, filiado, maiormente, à Linhagem Estética, que partindo de Vico e de Francesco de Sanctis culmina em Croce e em Giovanni Gentile.

Procurou realizar uma crítica integral, abrangente e interpretativa, sem se escravizar a um determinado método.

Marcou fundo toda uma época da nossa Cultura.

Foi uma das figuras culminantes da vida mental do Rio Grande do Sul, peregrina e fúlgida cerebração, cujo irradiar e agir sem tréguas descobriu vocações, rasgou veredas e aplainou arestas.

Na direção cultural da Livraria do Globo, na Imprensa e nas Revistas lútero-sociais de Porto Alegre, na direção da Casa da Moe-

da do Brasil, na Secretaria do "consulado" de Borges de Medeiros, na Intendência de São Leopoldo e através das suas polifacetadas, robustas e instigantes obras literárias e históricas, Mansueto Bernardi uniu o pensamento à ação, sobremaneira pugnaz e prestante, sem jamais permitir-se descanso, esmorecimentos ou cumplicidades.

Tudo o interessava, tudo o motivava, aguçando a sua inteligência pronta e desenvolta, apesar da aparente inércia dos seus anos derradeiros, vividos ao influxo das recordações, na contemplação proustiana e no misticismo.

Amou a vida como poucos, em intensidade e júbilo, na plenitude de um fechar-se interior, paradoxalmente abertura luminosa e intercomunicante, harmônica e compositiva.

Esta, em síntese, a atuação múltipla de Mansueto Bernardi.